

## RECUPERAÇÃO DE FLORESTA CILIAR NO RIO CASCAVEL, MUNICÍPIO DE CAMPO DO TENENTE-PR, EM CAMBISSOLO HÚMICO 2º ANO DE OBSERVAÇÃO

Marcos Fernando G. Rachwal\*  
Gustavo Ribas Curcio\*  
Benedita Duarte de Souza\*\*

As florestas ripárias foram praticamente destruídas pela extração madeireira e, posteriormente, pela exploração agrícola, no município de Campo do Tenente, PR. Este trabalho foi realizado com o objetivo de gerar informações sobre a recomposição de florestas ciliares para a região.

O plantio ocorreu em 01/11/1995, na propriedade do Sr. Adão Zublinski, tendo-se utilizado as seguintes espécies: pioneiras: 1. bracatinga de campo mourão (*Mimosa flocculosa*), 2. bracatinga comum (*Mimosa scabrella*), 3. bracatinga argentina (*Mimosa scabrella* var. *aspericarpa*), 4. pata de vaca (*Bauhinia forficata*) e secundárias: 5. açoita-cavalo (*Luehea divaricata*), 6. aroeira (*Schinus terebinthifolius*), 7. carne de vaca (*Clethra scabra*), 8. branquinho (*Sebastiania klotzschiana*), 9. tapiá (*Alchornea triplinervea*), 10. gabioba (*Campomanesia xanthocarpa*) e 11. pessegueiro-bravo (*Prunus* sp.). Realizaram-se 2 coroamentos, nos dois primeiros meses após o plantio, para evitar prejuízos no crescimento inicial das mudas, por competição com a vegetação espontânea.

O delineamento experimental adotado foi blocos ao acaso, repetidos 4 vezes, sendo que cada bloco foi composto por 5 linhas. Utilizou-se o espaçamento de 2 x 1 m e cada linha foi composta pelas 11 espécies citadas.

O experimento está situado no plano aluvial do Rio Cascavel sobre Cambissolo Húmico Álico Ta (argila de atividade alta) textura argilosa e média relevo plano (Tabela 1). Este solo é derivado de sedimentos alúvio-coluvionares recentes. O horizonte A húmico apresenta espessura média de 50 cm e coloração bruno-acinzentada muito escura (10YR 3/2), enquanto que no horizonte subjacente Bi a cor é bruno-escura a bruno-amarelada-escura (10YR 4/3 a 4/6). Apresenta boa drenagem, por situar-se bem ao lado do rio, em plano aluvial soerguido. Cabe

\* Eng.-Agrônomos, Mestres, CREA nºs 12014/D e 12563/D, respectivamente, Pesquisadores da *Embrapa Florestas*.

\*\* Socióloga da EMATER/PR.

ressaltar os reduzidos valores em saturação de bases e os elevados valores em saturação de alumínio (Tabela 1).

Aos 2 anos de idade, determinou-se a taxa de sobrevivência e mediu-se altura (m), DAP (cm) e ICC (índice combinado de crescimento, obtido pela multiplicação entre altura, DAP e sobrevivência).

As três espécies de bracatinga mostraram os valores mais elevados em altura, DAP e índice combinado de crescimento, sendo os mesmos superiores às médias (Tabela 2). A baixa taxa de sobrevivência da bracatinga argentina deu-se em função de infestação por cigarrinhas e cochonilhas, o que também ocorreu no primeiro ano. Além disso, a bracatinga de campo mourão apresentou um inconveniente. Devido ao seu grande porte e a sua precoce senilidade, a espécie, ao tombar, provocou a quebra, não só de alguns indivíduos de gabioba e branquinho plantados, como também de miguel pintado, o qual foi introduzido por regeneração natural. Por este motivo, torna-se questionável sua indicação para repovoamentos heterogêneos, em florestas ciliares.

A aroeira, carne de vaca, branquinho, açoita-cavalo e gabioba, espécies do estágio sucessional secundário, apesar de taxas satisfatórias de sobrevivência, mostraram ICC abaixo da média.

O baixíssimo índice de sobrevivência do tapiá deve-se à baixa qualidade das mudas, as quais estavam pequenas e amareladas, na ocasião do plantio. Finalmente, a mortalidade total do pessegueiro-bravo, que ocorreu já no primeiro ano, deveu-se ao fato de que o solo colocado nos jacás, no viveiro, não continha inóculos de fungo de micorrizas vesículo-arbusculares, como ocorre nas áreas de ocorrência natural.

São necessários mais anos de observação, para se poder indicar as espécies mais promissoras.

**TABELA 1. Características químicas e granulométricas dos horizontes superficiais e subsuperficiais do solo estudado. Campo do Tenente, PR, 1995.**

Bloco/ Prof.	a b	pH*	Al	H	Mg	Ca	K	S	CTC	V	M	P	C	areia	silte	Argila
			Cmolc.dm <sup>-3</sup>						%		mg.dm <sup>-3</sup>	g.dm <sup>-3</sup>	%			
1	a	3,8	4,43	8,3	0,23	0,33	0,34	0,91	13,7	7	83	4,67	2,61	42	37	21
	b	4,0	4,43	6,9	0,18	0,22	0,05	0,46	11,9	4	91	1	0,81	50	28	22
2	a	3,8	5,90	12	0,35	0,33	0,14	0,83	18,4	5	88	3,67	3,14	22	47	31
	b	3,9	5,93	8,5	0,23	0,18	0,06	0,48	14,9	3	92	1	0,78	22	41	37
3	a	3,6	5,10	13	0,38	0,42	0,25	1,06	19,1	6	82	5	3,31	21	46	33
	b	3,9	5,53	8,2	0,28	0,25	0,06	0,61	14,3	4	90	1	1,03	17	43	40
4	a	3,6	6,30	13	0,40	0,35	0,53	1,28	21,0	6	83	4,67	3,28	15	49	36
	b	3,9	6,17	8,3	0,25	0,32	0,06	0,63	15,0	4	91	1	0,95	10	46	44

\* pH em CaCl<sub>2</sub>; CTC- capacidade de troca de cátions; V- saturação em bases; m- saturação em alumínio; prof.- profundidade; prof. a – 0 a 50 e 0 a 60 cm; prof. b – 50 a 70 e 60 a 80 cm.

**TABELA 2. Parâmetros silviculturais das espécies aos 2 anos de idade sobre Cambissolo Húmico álico Ta textura média/argilosa relevo plano. Campo do Tenente, PR, 1997.**

Espécie	Altura (m)	Dap (cm)	Sobrevivência (%)	Icc
Bracatinga comum	6.55 a	7.48 a	85 abc	42.41
Bracatinga argentina	6.36 a	6.12 a	55 bc	19.43
Bracatinga campo-mourão	4.92 b	3.66 b	90 ab	16.44
Aroeira	2.41 c	1.58 c	100 a	3.95
Carne de vaca	1.81 c	0.86 cd	85 abc	1.41
Branquinho	1.29 cd	0.54 cd	100 a	0.73
Açoita-cavalo	1.09 de	0.29 cd	100 a	0.34
Pata de vaca	0.49 de	0 d	45 ce	0
Tapiá	0.43 de	0 d	5 ef	0
Gabiropa	0.23 de	0 d	60 abc	0
Pessegueiro-bravo	0 e	0 d	0 f	0
Média	2.33	1.86	66	7.70

Médias seguidas pela mesma letra não diferem entre si, a nível de 5% de probabilidade, pelo teste de Tukey. ICC-índice combinado de crescimento (= altura x dap x sobrevivência).